



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira


Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Setembro 2013



 Sobre a imagem da capa: Trabalho de CARLOS ZÍLIO - "Rubens on the beach II, 2007, óleo e bastão de óleo sobre tela, 140x180cm".

A crítica institucional e a estética da existência

Marília Andrés Ribeiro - (UFMG/CBHA)

Resumo: Proponho discutir o pensamento de Foucault enquanto questionamento das instituições estabelecidas e o compromisso deste com a liberdade de pensar criticamente as práticas sociais usando a historiografia como método filosófico. Focalizarei a “estética da existência” e mostrarei como o pensamento foucaultiano encontra ressonância na atitude libertária dos artistas e críticos modernos e contemporâneos.

Palavras-Chave: Arte Crítica Instituições

Abstract: I propose to discuss Foucault’s thinking while questioning of established institutions and commitment to this freedom to think critically practices using social historiography and philosophical method. I will focus on the “aesthetics of existence” and show how Foucault’s thinking finds resonance in libertarian attitude of modern and contemporary artists and critics.

Keywords: Art Critic Institutions

Introdução

A partir do pensamento de Michel Foucault, que apresenta um questionamento epistemológico, ético e

político das instituições estabelecidas na sociedade, discutiremos a “estética da existência” como uma saída criativa para o exercício de liberdade do indivíduo. Mostraremos como este pensamento encontra ressonância na atitude libertária de artistas e críticos modernos e contemporâneos, focalizando aqueles que atuaram no contexto contracultural dos anos 1960/70.

Porque Foucault?

Considero o pensamento de Foucault exemplar enquanto crítica à modernidade e questionamento das instituições que controlam o saber, visando manter o poder estabelecido. Segundo Foucault somos moldados pela sociedade de forma a comportar segundo as normas instituídas. Esse controle está tão disseminado nos indivíduos que os impede de enxergar o quanto são frutos de uma forma de pensar e de agir de acordo com o que é estabelecido. Foucault não se coloca em oposição às classes dominantes e dominadas como apresenta o pensamento marxista, nem privilegia o indivíduo como explicita o pensamento existencialista, mas enxerga nas entrelinhas do poder instituído, as artimanhas que moldam o pensamento e o comportamento dos indivíduos na sociedade. Neste sentido, o pensamento de Foucault vai ao encontro dos pensadores pós-estruturalistas como Derrida, Deleuze e Kristeva que concentraram seus estudos nos determinantes sociais, linguísticos e inconscientes do pensamento.

Qual é o eixo do pensamento de Foucault?

O eixo norteador do pensamento de Foucault é o compromisso com a liberdade de pensar criticamente as práticas sociais usando a historiografia como método filosófico. “Para ele, a filosofia não era um corpo de saber que se acumulava, mas um exercício crítico que questionava de maneira incessante crenças dogmáticas e práticas intoleráveis na sociedade contemporânea”.¹ Neste sentido, a filosofia abre um espaço para pensar a liberdade na “história do presente” e a história torna-se uma ferramenta que nos permite compreender mudanças nos seres humanos e mudanças no mundo em que vivemos. Compreender a história é compreender a nós mesmos no contexto social em que estamos inseridos. Segundo Johanna Oksala, o pensamento de Foucault pauta-se pelo “construcionismo social”, ou seja, por uma forma de pensamento que considera os seres humanos e as suas experiências enquanto o resultado de processos sociais e não de processos naturais. Consiste numa crítica às teorias científicas evolucionistas e também às teorias fenomenológicas e existencialistas centradas no sujeito. Para Foucault é importante repensar o sujeito na história enquanto um ser construído em redes de práticas sociais que sempre incorporam relações de poder e exclusões. Seu pensamento, enquanto genealogia do sujeito moderno, ilumina o conhecimento dos diferentes tipos de sujeitos que foram construídos à margem das normas sociais vigentes:

¹ OKSALA, Johanna. Como ler Foucault. Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 12

os delinquentes, homossexuais, doentes mentais, entre outros. No campo cultural, podemos considerar que o desdobramento do pensamento foucaultiano aponta para o questionamento das práticas tradicionais do ensino institucional nas universidades, do sistema de arte, considerando a produção, a distribuição e o consumo da arte no mercado.

Qual é o papel do intelectual segundo o pensamento de Foucault?

Johanna Oksala salienta, ainda, que o pensamento de Foucault nos faz entender que “o papel do intelectual é expor novos modos de pensamento: fazer as pessoas verem o mundo à sua volta sob uma luz diferente, perturbar seus hábitos mentais e convida-las a exigir e instigar a mudança”.^z Neste sentido o intelectual torna-se um pensador engajado em lutas políticas específicas, atuando como ativista dentro de uma determinada prática social. Seu trabalho se dá no contexto da micropolítica, das práticas concretas que dão forma às racionalidades políticas específicas.

A micropolítica está relacionada à “microfísica do poder”, referindo-se ao exame das formas de poder focadas no comportamento individual, através das práticas sociais. Ela se concretiza nos questionamentos que acontecem no cotidiano, nas relações interpessoais, nos trabalhos comunitários, nas propostas artísticas que visam desarrumar o que está estabelecido dentro das próprias

instituições artísticas: os museus enquanto guardiões da tradição, o mercado enquanto um jogo econômico do capitalismo, as universidades enquanto mantenedoras do saber instituído. Enfim, a micropolítica se dá nas fissuras, nas entrelinhas das instituições, enquanto crítica de uma situação concreta, que acontece aqui e agora.

Apresento como exemplo a atuação de Walter Zanini no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC/USP), que, nos anos 1970, propicia, através da exposição *Jovem Arte Contemporânea*, a intervenção de jovens artistas contestadores no espaço museológico; os *Domingos de Criação*, coordenados por Frederico Moraes no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), abrindo espaço para a criação coletiva e as intervenções urbanas; e a abertura do *I Salão de Arte Contemporânea* no Museu de Arte da Pampulha de Belo Horizonte (MAP/BH), sob a curadoria de Márcio Sampaio,

Como situamos a “estética da existência” no pensamento de Foucault?

Para situarmos a “estética da existência” no pensamento de Foucault precisamos fazer uma breve síntese de sua obra em sua trajetória profissional.

Segundo Johanna Oksala:

A obra de Foucault costuma ser dividida em três fases distintas. A primeira, em que ele chamava de estudos históricos de arqueologia, é situada em geral nos anos 60: as principais obras desse período incluem *História da Loucura na Idade Clássica* (1961), *O Nascimento da Clínica* (1963), *As palavras e as Coisas* (1966) e *Arqueologia do saber* (1969). A fase genealógica – “genealogia” sendo o termo que

Foucault escolheu para seus estudos de poder – situou-se nos anos 70 e abrange suas obras mais conhecidas; *Vigiar e Punir* (1975) e *História da Sexualidade*, volume 1 (1976). Por fim, a fase ética, quando ele se voltou para a ética antiga, deu-se nos anos 80 e produziu os dois últimos volumes de *História da Sexualidade*: *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si* (1984). O que marcou o início de cada nova fase foi a introdução de um novo eixo de análise, que resultou numa visão mais abrangente.²

A estética da existência surge na obra tardia de Foucault, nos volumes finais da *História da Sexualidade*, onde ele discute a moralidade sexual contemporânea à luz da ética greco-romana que “fundava-se numa escolha pessoal de viver uma bela vida”. Neste sentido a ética se confunde com a estética e “significa uma atividade criativa, o treinamento permanente de si mesmo”³ e a escolha do estilo de vida feita pelo indivíduo. Ao repensar a ética e repensar o sujeito enquanto aquele que molda a sua própria vida de forma singular, Foucault retoma a filosofia como exercício crítico que possibilita “libertarmos de nós mesmos”, substituindo o estudo das “práticas de dominação e poder” pelo estudo das “práticas de si”. O filósofo propõe, ainda, moldar criativamente a nossa vida sexual, imaginando novos tipos de relacionamentos e novas maneiras de experimentar o prazer.

A estética da existência está em sintonia com o cuidar-se de si, com a busca de novas formas de subjetividade que vão além das formas instituídas, e aparecem nas fissuras do tecido social, nos momentos de criatividade artística, na liberdade de comportar segundo o seu desejo e na atitude de fazer da vida uma obra de arte.

² Op. Cit. pp. 9-10

³ Idem. p. 118

Segundo as palavras de Foucault:

O que me surpreende é que em nossa sociedade a arte esteja relacionada apenas aos objetos e nunca aos indivíduos e à vida; e, também, que a arte esteja num domínio especializado, o dos experts que são artistas. Mas a vida de todo indivíduo não é uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas não as nossas vidas?⁴

O pensamento tardio de Foucault retoma a noção do papel subversivo da arte enquanto resistência ao poder normalizador e compreende que o sujeito não é simplesmente construído pelo poder, mas participa dessa construção e pode modificar a si mesmo, através da prática de si. “Um modo de contestar o poder normalizador é moldar criativamente a si mesmo e à sua própria vida: explorando oportunidades de novas maneiras de ser, novos campos de experiências, prazeres, relações, modos de viver e pensar”.⁵

A estética da existência não termina na esfera subjetiva do processo de singularização, mas culmina na superação do individualismo através da aliança com vínculos comunitários. “A estética da existência implica valores e formas de vida criativas, solidárias, generosas e ousadas, nos limites possíveis da experimentação histórica”.⁶

Aqui, apresento como exemplo a atitude transgressora, crítica e experimental do artista Paulo Bruscky que, desde os anos 1970, usa o corpo e a mente para comunicar ideias poéticas e políticas, revelando uma poesia em

⁴ FOUCAULT, Michel. Apud. BRANCO, Guilherme Castelo, “Michel Foucault: a literatura, a arte de viver”. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). *Os filósofos e a arte*, Rio de Janeiro, Rocco, 2010, p.324.

⁵ OKSALA, Johanna, Op. Cit., p. 124.

⁶ BRANCO, Guilherme Castelo, Op. Cit., p.328

campo ampliado que dialoga com várias expressões artísticas e perpassa sua vida e obra. “Essa postura crítica e investigadora de Bruscky incide sobre várias mídias – os correios, o postal, o xerox, o mimeógrafo, o vídeo, o livro e os classificados de jornais – e utiliza vários suportes e materiais – o corpo, a cidade, o carimbo e os objetos que o artista encontra ao acaso e os transforma em arte”.⁷ Paulo Bruscky participou do movimento de Arte Correio, que lhe possibilitou intercambiar ideias, dialogar com artistas e grupos dos mais distantes lugares do mundo, para veicular suas ideias e questionar o sistema de arte através dos correios. Aqui no Brasil, a atitude questionadora de Bruscky vai ao encontro das obras transgressoras de artistas que vivenciaram o período mais forte da ditadura militar, nos anos 1970, como as propostas de Antonio Dias, Rubens Gerchman, Carlos Vergara, Artur Barrio, Cildo Meirelles, entre outros artistas que usaram de metáforas para questionar o regime militar.

Voltando a Foucault, entendemos que os movimentos libertários, na medida em que se voltaram para a vida cotidiana, a experimentação, a criação de novos modos de vida e o exercício da liberdade propuseram uma “atitude crítica” que vai ao encontro da “estética da existência”.

O filósofo toma como exemplo o artista e crítico Charles Baudelaire que viveu a emergência do modernismo no século XIX e experimentou atitudes limites de vida e obra, em sintonia com os desafios de seu tempo. Para Baudelaire o homem moderno é “aquele que se constitui e se inventa, jogando com o seu tempo e a sua subjetividade. O lugar

⁷ RIBEIRO, Marília Andrés. *Paulo Bruscky*, Belo Horizonte, C/Arte, 2011, p.4.

de realização da modernidade não se dá em conformidade com as regras morais e os códigos políticos, seu *locus* é a vida, usufruto da invenção, como modalidade de elaboração de outros modos de vida, dentre os quais aqueles que articulam arte e vida”.⁸

Qual é o desdobramento da estética da existência de Foucault na atitude libertária de artistas e críticos modernos e contemporâneos?

A exemplo de Baudelaire, vários artistas modernos e contemporâneos viveram e ainda vivem no limite entre a arte e a vida, reinventando a realidade a cada momento, tornando-se artífices da beleza de sua própria vida em prol de um trabalho crítico e artístico de alcance comunitário.

Retomando a história da arte, esse estilo de vida e essa atitude crítica se apresentam na vida e obra de artistas e críticos modernos que viveram o momento de articulação das vanguardas históricas como Marcel Duchamp, Salvador Dali, Guillaume Apollinaire, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Maria Martins, entre outros. Reaparece no contexto contracultural e artístico dos anos 1960/70 acompanhando os movimentos libertários que propuseram o questionamento político, ético e comportamental frente às instituições estabelecidas e o saber instituído.

Apresento como exemplo de “estética da existência” as atitudes e propostas libertárias de artistas e críticos/curadores que atuaram de forma transgressora, criativa

⁸ BRANCO, Guilherme Castelo, Op. Cit., 2010, p.327.

e crítica durante esse período e que marcaram com sua vida e obra a passagem da modernidade para a contemporaneidade. São as propostas e atitudes dos artistas europeus Yves Klein, Joseph Beuys, Antoni Muntadas, Hans Hacker, Hervé Fischer, Guy Debord; dos americanos Andy Warhol, Allan Kaprow, Claes Oldenburg, John Cage; ou dos latino-americanos Gordon Matta-Clark, Alberto Greco, Marta Traba, Hélio Oiticica, Artur Barrio, Cildo Meirelles, Paulo Bruscky, Lygia Clark, Lygia Pape, Teresinha Soares, entre outros. Dentro dessa perspectiva crítica e criativa considero também a atuação dos críticos/curadores Walter Zanini, Frederico Moraes e Marcio Sampaio frente ao circuito de arte e às instituições museológicas brasileiras.

Estes artistas e críticos/curadores atuaram de forma transgressora e criativa no interior das próprias instituições artísticas, abrindo o caminho para novas propostas artísticas e formas alternativas de fazer arte, usando o conceito, o processo, o corpo, interferindo no espaço público das cidades, ampliando o campo da arte através de performances, instalações e projetos que discutiam a arte, a política, o comportamento e a vida cotidiana.

Referências Bibliográficas:

- LOBO-HADDOCK, Rafael (Org.). *Os Filósofos e a arte*, Rio de Janeiro, Rocco, 2010
- MOTTA, Manoel de Barros (Org.). *Michel Foucault. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2009.
- OKSALA, Johanna. *Como ler Foucault*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011.
- RIBEIRO, Marília Andrés. *Neovanguardas: Belo Horizonte, anos 60*. Belo Horizonte, C/Arte, 1997.
- RIBEIRO, Marília Andrés. Paulo Bruscky. Belo Horizonte, C/Arte, 2011. (Coleção Circuito Atelier).